

DO PRIMEIRO CAPÍTULO DE “SOCIEDADE DE RISCO” DE ULRICH BECK

THE FIRST CHAPTER OF “RISK SOCIETY” BY ULRICH BECK

Gabriel Soares Messias¹

Nascido em maio de 1944, Ulrich Beck tornou-se um dos mais proeminentes sociólogos de sua época. Sua produção está sustentada pelo conceito de Sociedade de Risco, homônimo de sua *magnus opus*, a qual seu primeiro capítulo é o objeto de estudo da presente resenha. Os principais assuntos tratados pelo autor ao longo da sua obra são: globalização, individualização, modernização, problemas ambientais, sociedade de risco, transformações no mundo do trabalho e desigualdades sociais. Beck faleceu em 2015 em função de um infarto.

A obra tratada nesta resenha intitula-se “Sociedade de risco”, publicado na década de 80, tomou notoriedade e espalhou-se pelo mundo através de inúmeras tradições. Ela faz parte de um movimento crescente à época que se dedicava ao estudo dos impactos ambientais causados pelo homem. De forma geral a obra trata sobre as ameaças provocadas pela humanidade às bases naturais que sustentam a vida.

A pergunta que norteia o autor é “Como é possível que ameaças sistematicamente coproduzidas no processo tardio de modernização sejam evitados, minimizados, e, não comprometam o processo de modernização e nem as fronteiras do que é aceitável”? (BECK, 2010, p.24).

Desenvolvimento

São muitas as diferenças advindas com o avanço dos anos, e a modernidade trouxe para a civilização uma série de facilidade e pode-se dizer também de desenvolvimentos. Ulrich Beck, em sua obra que é o objeto desta resenha, apresenta ao leitor um panorama bastante interessante sobre como a riqueza, em seu processo de construção, foi trabalhada e gerada de forma social, mas em nenhum momento foi socialmente distribuída.

No contexto de uma sociedade moderna, outro elemento passível de distribuição passa a ser analisado: o risco. Enquanto as carências materiais passaram a ser supridas nas mais variadas localidades do mundo, o risco passou a ser o centro dos fatores de distribuição em quase todos os setores, sejam eles públicos ou privados. Garantir que os riscos de todas as atividades econômicas sejam remanejados de forma igualitária, ou da forma mais próxima possível.

Outro importante argumento trazido por Beck é o de que em sociedades altamente desenvolvidas do ocidente, mais especificamente nos Estados de Bem-Estar Social, as necessidades mais básicas dos indivíduos (as demandas primitivas por subsistência) foram sendo gradualmente sobrepostas por novas necessidades, típicas da modernidade, como a obesidade, a depressão, entre outros tantos excessos do leque contemporâneo em questão. Mais adiante, um breve levantamento histórico é desenvolvido pelo

¹ Graduando em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins. Técnico em Informática pelo Instituto Federal do Tocantins. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UNITINS. Estagiário da DAC Advocacia e Consultoria. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2938482222127914>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6947-2979>. E-mail: gabrielsoaresmessias2020@gmail.com

autor, quando o mesmo indaga-se sobre as origens históricas do conceito de risco.

Ulrich discorre sobre como a teoria do risco sempre esteve acompanhando todas as ações humanas, citando como exemplo as lendárias expedições de Colombo às Américas, e como os percentuais de risco para esses empreendimentos eram altíssimos. Outro exemplo trazido pelo autor é o do desmatamento das florestas do mundo. Este último é um cenário onde o desmatamento desenfreado de madeira já ocorre há certo tempo, e combinado com a transformação de florestas em pastos para a criação de rebanhos, criaram uma situação quase insustentável em termos ambientais. E a grande questão em torno da temática apresentada é a de que por que países com baixíssimos níveis de desmatamento e alto comprometimento para com as pautas ambientais, como Noruega e Suécia, seriam obrigados a arcar com os riscos produzidos pelos países com menos comprometimento com as pautas do meio ambiente.

Avançando em sua tese, Ulrich Beck traça um paralelo singular entre a expansão dos sistemas econômicos e a globalização, com os riscos que esse processo inegavelmente irá trazer. Em um primeiro momento, o autor explica em como os riscos assumidos pelos processos de gerações passadas, como riscos de mercados ligados às mais diversas atividades econômicas, na contemporaneidade se transformam em ameaças reais que possuem potencial de atingir toda a humanidade, até mesmo as comunidades que pouco ou tem a ver com os riscos assumidos. Um exemplo bastante didático trazido pelo autor é a analogia que se faz justamente com a questão grave da poluição no mundo, seja ela pela água, pelo ar ou outros meios. O que ocorre é que a poluição gerada por alguns agentes políticos internacionais, acabam sendo distribuídas pelo mundo, e afetando outros povos, que naquele momento poderiam justamente estar desenvolvendo ações contra a mesma poluição.

Outro exemplo bastante impactante, é a afirmação de que nos arredores de localidades com emissores industriais, a concentração de chumbo no organismo de crianças que habitam aquela região costuma ser consideravelmente mais alta, o que acarretaria uma série de outros problemas, como mortalidade por câncer, etc. O autor é muito claro em falar sobre os entraves e embates envolvendo a racionalidade científica, para com a dita “racionalidade” social. Para Beck, a racionalidade científica infere apenas fatores objetivos, como números e panoramas quantificáveis, enquanto a racionalidade social se interessa por uma abordagem social muito mais profunda e sensível.

As comparações entre Risco e Riqueza acompanham os pensamentos do autor onde quer que se aventure. E um dos paralelos mais interessantes feitos na obra é de que a riqueza possui um método muito peculiar de distribuição, onde se concentra nas mãos daqueles que detinham os meios para gerá-la, tendo uma mínima parte sua alocada para as pessoas que empenharam seus esforços em produzi-la. Em sentido contrário, os riscos infelizmente acabam sendo distribuídos de forma muito mais democrática, e as camadas que em quase nada se aproveitavam da riqueza gerada, tem agora de lidar com os riscos advindos da atividade em questão. Com o agravante de geralmente não ter acesso a serviços essenciais ou informações cruciais para se poder combatê-lo.

Os efeitos dessa realidade podem ser devastadores, uma vez de que muitos indivíduos insistem em utilizar da dita racionalidade científica para se esquivar de problemas importantíssimos, alegando tudo o que a ciência tem a dizer, e dessa forma mascarando os reais problemas que diversas comunidades podem estar passando. A utilização dessa categoria de argumento é mais comum do que se pensa, segundo Ulrich Beck, e a não abordagem correta das realidades sociais que envolvem a sociedade do risco, pode finalmente ter como consequência a sua transformação na grave inclinação para a ameaça. O autor continua com a explanação de suas ideias trazendo à luz algumas das consequências advindas da distribuição de riscos na sociedade, como é o caso de situações onde as pessoas tendem a se solidarizar através do medo.

O papel do Estado, enquanto agente político e operador de políticas públicas, é analisado por Beck em sua possibilidade de combater os riscos gerados pela atividade econômica de algumas classes, e distribuído para todas. A indagação fica para a questão do Estado ser realmente um agente ativo nesse combate, ou se hoje é nada mais que um figurante num intenso e complexo jogo de poder. A atuação dos agentes diversos enseja finalmente em um questionamento sobre a própria individualidade do ser e o seu

lugar em meio ao caos do risco. Em um mundo globalizado, segundo o autor, a busca pela individualidade acaba por ser uma das buscas mais frenéticas e preciosas para as pessoas que integram agora a sociedade, já que os costumes, as leis, e os hábitos de consumo cada vez mais se misturam nessa massa chamada mundo globalizado.

Entretanto, por mais que determinado indivíduo busque com afinco as características que o tornem único, ou esteja atrás de meios para que dependa cada vez menos de terceiros, a sociedade garante que existam uma série de elementos que o podem afetar, e que, entretanto, estão completamente fora de seu espectro de controle. Um exemplo trazido por Ulrich é o de que em uma sociedade de constantes mudanças de paradigmas, no seio familiar, o homem divorciado se sente cada vez mais incomodados com o padrão na escolha dos arranjos familiares pós-divórcio, no sentido de que gostariam de ter mais acesso à convivência com seus filhos, ou mesmo de deter a guarda preferencial.

Encaminhando ao final do capítulo, o autor destaca que o anseio exagerado pelo autoconhecimento pode colocar em risco toda a construção de caráter e princípios que já vem sendo edificados. A distinção entre o que é sistema e o que é mundo real é uma constante na obra, e a importância de ter em mente que conhecer e interpretar números e fatores objetivos de pesquisa não é a mesma coisa de deter a sensibilidade necessária para realizar uma análise genuína de determinada realidade social.

Os riscos na contemporaneidade estão mais democráticos, pode-se dizer, negativamente, e trabalhar para que os geradores dos riscos e ameaças sejam naturalmente aqueles que serão mais propensos aos mesmos no futuro, parece ser uma das muitas propostas intrínsecas oferecidas por Ulrich Beck em sua obra.

Referências

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

Recebido em 16 de outubro de 2021

Aceito em 13 de dezembro de 2021